

Diante destes fatos históricos e indefensáveis fica insustentável a posição política do jurista Balthazar Garzón, que pretende julgar o Gal. Augusto Pinochet, do Chile, na Espanha, e nem sequer questiona a validade jurídica do malfadado Pacto de Moncloa, o primeiro entre os países de origem latina, a prescrever os Crimes de Genocídio e Contra a Humanidade.

Diante deste argumento, outrossim, o Juiz Garzón perde confiabilidade e credibilidade. Na verdade, o que ele busca é notoriedade internacional, quiçá, para ocupar, no futuro, uma cadeira de Juiz, de uma Corte Internacional de Justiça. Caso contrário, começaria a apurar crimes de genocídio e contra a humanidade, no próprio país, e não em terceiros.

Não sou defensor da impunidade, de ditadores e de arbitrariedades. Mas, não concordo com a demagogia política, com o exibicionismo individual, com a fraqueza de alguns que utilizam argumentos nobres e sérios pertinentes à humanidade, para o atingimento de interesses privados.

O Gal. Augusto Pinochet deve acima de tudo, ser julgado, pelos seus atos, mas pelo povo chileno, e não pela Comunidade de Nações, que continua fornecendo guarida a ditadores truculentos como Fidel Castro, de Cuba, e Jian Zeming, da República Popular da China. Assim pensamos ●

\* FRANCISCO HEITOR LEÃO DA ROCHA é professor de Economia do DECON/UFPI, Doutorando em Integração Econômica. Mestre em Relações Internacionais e Especialista em Políticas e Estratégias. É Escritor e Jornalista Colaborador.

#### ERRATA

#### ASPECTOS RELEVANTES DA GUERRA DE KOSOVO

Os Curdos estão sendo massacrados e dizimados pelos governos da Turquia, Irã, Iraque e Síria, há décadas. Milhões de curdos já foram exterminados, neste Século, sem que os Estados Unidos da América, OTAN e Nações Aliadas, nada fizessem para evitar os massacres. No presente momento, desafiando a Europa, Washington e Comunidade de Nações, Ancara condenou o líder curdo Abdullah Ocalan à pena de morte. Fatalmente será enforcado pois a repercussão internacional do seu julgamento militar viciado, foi insignificante. Nenhum líder internacional condenou o Governo da Turquia por dizimar a população curda e de condenar à pena de morte o líder Ocalan.

## O "RANKING" DO PRESTÍGIO E A BANALIZAÇÃO DA PESQUISA

EDSON JOSÉ DE CASTRO LIMA\*

No Brasil de hoje, o desrespeito ao trabalho docente nas universidades públicas manifesta-se visivelmente pelo aviltamento dos salários pagos aos professores e pela precariedade das condições de atuação acadêmica. Esses fatores, dentre outros igualmente sérios, tem levado as instituições a um processo de deteriorização e descaracterização, chegando a comprometer a credibilidade que ostentavam. No caso específico da atividade de magistério, o problema se torna mais visível em virtude desta atividade estar mais diretamente identificada com o quadro de penúria que atingiu o nosso sistema educacional, e, em consequência, vem desmotivando os melhores profissionais a atuarem em salas de aula vez que somente o segmento ligado à pesquisa ainda permanece parcialmente "valorizado". O equívoco verifica-se, inclusive, no meio acadêmico onde, em muitas universidades, a casta dos "pesquisadores" tripudia sobre o trabalho daqueles que se dedicam exclusivamente à transmissão de conhecimento ao alunado.

A constatação mais séria sobre a tentativa de hierarquização valorativa das atividades acadêmicas, priorizando a "produção científica inédita", é de que esse comportamento tem contribuído para transformar excelentes professores em pesquisadores de ocasião. Assim, a missão do professor em sala de aula vem deixando de ser encarada como aquela que se deve transcender a todas as outras pelo seu alcance social na medida em que democratiza o conhecimento difundindo arte, ciência e tecnologia.

Cristóvão Buarque, em sua obra *A Aventura da Universidade*, retrata claramente essa questão quando afirma: "A dedicação ao ensino, a perfeição nas aulas, o trabalho de mestre

*orientador de alunos de graduação não repercutem com impacto positivo na carreira de um professor universitário brasileiro. Muitas vezes esse professor ainda fica relegado e não é bem visto. Ao contrário, qualquer trabalho publicado e qualquer tese, até mesmo os que jamais serão lidos, sem a menor ressonância, são tomados como indicadores de produção e de criatividade acadêmica. Isso faz com que os professores abandonem as salas de aulas".* Por sua vez, a obrigação de desenvolver pesquisas para galgar degraus na escala de poder e prestígio das universidades tem trazido sérios prejuízos às instituições que assim perdem preciosas horas do magistério de excelentes professores em favor do tempo por eles desperdiçado em muitas pesquisas superficiais e medíocres. Segundo Max Weber, "É puro acaso se esta dupla aptidão (referindo-se ao ensino e à pesquisa) se faz presente em um único homem".

Vale ressaltar, ainda, que a forte cobrança atualmente verificada em relação ao quantum de produção científica das universidades faz com que a atividade de pesquisa muitas vezes se constitua em mera obrigação funcional e/ou social que tende a desaguar na produção de cultura inútil. No mister, assim se manifestou Wladimir Kourganoff em seu livro *A Face Oculta da Universidade*: "Foi-se o tempo em que a atividade de pesquisa era motivada antes de tudo pela curiosidade do espírito, pelo desejo de compreender a natureza, uma espécie de mística da ciência, ou seja, por uma verdadeira vocação de cientistas. Hoje essa atividade se tornou basicamente uma fonte de prestígio. As universidades aí vêem sobretudo um

meio de elevar seu nome e sua clientela. Para muitos professores é um meio necessário e suficiente para uma bela carreira. Eles não se perguntam o que podem fazer pela ciência, mas o que a ciência pode fazer por eles”.

Não se pode negar que a atividade de pesquisa, talvez, a mais espinhosa da universidade em virtude dos condicionantes estruturais que lhe são inerentes. Na maioria de nossas instituições os laboratórios são obsoletos, as bibliotecas desatualizadas, os professores polivalentes e, via de regra, não existe uma política sinalizadora das linhas de investigação viáveis e/ou prioritárias. A indefinição desses balizadores para a pesquisa transforma a universidade num organismo sem identidade, comprometendo sua missão e penalizando a sociedade que não recebe benefícios efetivos. Segundo José Clemente Pozenato, em artigo publicado na revista Enfoque (*A universidade e a nova sociedade*) “A Universidade poderá tem muitas fisionomias possíveis: ela é um instrumento que deve se adaptar a um projeto determinado, concreto, decorrente da vontade social, de utilização do saber. Sem perder de vista ou, mais exatamente, tendo em vista o projeto da sociedade, deverá a universidade decidir que conhecimentos científicos e que conhecimentos tecnológicos são prioritários”. Sobre essa mesma questão e enfatizando a missão da Universidade como agente de desenvolvimento, assim se manifestou Henrique Ratter (*In. Pesquisa Universitária em questão*): “admitindo a premissa de que o conhecimento científico-tecnológico é condição indispensável ao desenvolvimento social, caberia ao poder público formular políticas e diretrizes que lograssem assegurar a relativa autonomia e versatilidade da pesquisa acadêmica e, ao mesmo tempo, preconizar e incentivar mecanismos que permitissem a sua interação com o sistema produtivo”.

Não se pode ignorar, também, que o excesso de zelo da parte de muitos acadêmicos ao defen-

der a “autonomia científica” dos pesquisadores tanto pode estar revestidos dos melhores propósitos como pode ser somente uma manifestação de descompromisso com as demandas e carências da sociedade. “A própria comunidade científica tem se empenhado em defender a autonomia da pesquisa, a partir do pressuposto que somente a mais completa liberdade e autonomia da pesquisa, sem imposições ou restrições de ordem econômica ou política, seria capaz de proporcionar à sociedade os benefícios esperados. Esta postura de torre de marfim, no entanto, tem se constituído num dos principais obstáculos ao desenvolvimento de mecanismos e canais institucionais visando intensificar o relacionamento entre a universidade e as empresas”. (Ratter, H. op.cit)

**“A indefinição desses balizadores para a pesquisa transforma a universidade num organismo sem identidade, comprometendo sua missão e penalizando a sociedade que não recebe benefícios efetivos”.**

É importante, entretanto, que as iniciativas investigadas independentes não sejam cerceadas sem uma rigorosa e criteriosa avaliação, mesmo quando não forem perfeitamente compatíveis com as linhas de pesquisa traçadas pela instituição, para não se deixar escapar oportunidades inéditas de avanço em áreas não contempladas nos planos e programas preestabelecidos. A banalidade “científica” é quase sempre decorrente da ausência de critérios objetivos e consistentes na avaliação dos projetos propostos e este é um risco que a instituição seguramente pode evitar.

Segundo Kenneth Minogue, “*Milhares de mártires anônimos devem ter morrido para que o homem adquirisse o conhecimento de quais plantas eram comestíveis e quais seriam venenosas*”. (*O Mundo Acadêmico e o Mundo Prático. In: O Conceito de Universidade*).

A banalização da pesquisa, contudo, se constitui hoje numa das maiores fontes de desperdício nas instituições universitárias. Persiste a falsa idéia que todos devem ser cientistas, descobridores, inventores ou literatos, fomentando-se a competição até pela produção de obras mais volumosas onde, muitas vezes, a quantidade de páginas é inversamente proporcional ao conteúdo nelas inseridos. “O excesso de priorização dado à pesquisa e a cobrança de resultados imediatos levaram à sofreguidão da produção de textos, confundidos com sinônimos de geração de novas idéias, de novos conceitos e descobertas. Neste equívoco, a pesquisa perdeu sentido por ser apenas repetição silenciosa de idéias anteriores, ou simples arrumação de dados ou argumentos para justificar velhas idéias”. (Buarque, C. op. Cit)

O despreparo e a falta de vocação dos cientistas improvisados leva também à produção de pesquisas menos trabalhosas e de resultados possíveis. “Como em pesquisa o risco é tanto maior quanto mais se ousa, a maioria dos pesquisadores trabalha nas direções em que acreditem poder encontrar algo, ao invés de se lançar por caminhos resolutamente novos”. (Kourganoff, W. op.cit.)

Em decorrência de tudo isso, as prateleiras de nossas instituições estão hoje repletas de produção acadêmica vazia em conteúdo e volumosa em mediocridade ●

\*EDSON JOSÉ DE CASTRO LIMA é professor de Economia do DECON/UFPI, Mestre em Gestão Universitária.